

POLÍTICA ECONÔMICA

Economistas temem expansão

Novo presidente deve abandonar crescimento econômico em 1990, sugere Carta do Inpes

ROLF KUNTZ

O próximo presidente da República terá de renunciar à retomada do crescimento econômico por um ou dois anos, se não quiser comprometer o esforço de combate à inflação e jogar a economia numa recessão não programada, adverte a Carta de Conjuntura do Inpes (Instituto de Pesquisas vinculada à Secretaria de Planejamento da Presidência da República). Tão importante quanto chegar sem hiperinflação até a posse é criar condições para o necessário plano de

estabilização e, em vista disso, os líderes partidários deveriam pre-dispor a população a "aceitar a severidade de um ajuste fiscal".

O Grupo de Acompanhamento Conjuntural (GAC) do Inpes reviu sua estimativa de crescimento econômico em 1989 para cerca de 3% (2,8% acumulados em 12 meses, no último trimestre deste ano, contra 3,3% na projeção divulgada um mês antes). Apesar disso, o ritmo de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) ainda é considerado perigosamente alto, pois o País entrará em 1990 com alto nível de emprego, com vários segmentos da indústria operando perto de seu limite de capacidade e com o superávit comercial em declínio.

A Carta de Conjuntura compara a situação atual à da

passagem 1984/85. Por não haver avaliado corretamente a evolução da economia em 1984, o governo adotou no ano seguinte uma estratégia de crescimento acelerado, "como se a economia dispusesse do mesmo espaço para expansão com que contava em 1983, no auge da recessão", argumentam os economistas do GAC. Desta vez, porém, o aquecimento econômico não partiria de um quadro de inflação de 250% ao ano, como ocorreu quando os preços dispararam até o choque do Plano Cruzado. Os efeitos, a partir dos níveis atuais, seriam "rigorosamente devastadores".

Na descrição da Carta, a escolha entre manter e não manter uma política expansionista no próximo ano é simplesmente fal-

sa. A rigor, a escolha não existe. Se o novo presidente decidir adotar o caminho expansionista — a hipótese é de que a hiperinflação não tenha chegado —, não poderá ir muito longe nesse caminho. Em pouco tempo as indústrias atingirão o limite de sua capacidade, a inflação explodirá de uma vez e o País entrará em recessão, seja qual for a vontade dos responsáveis pela política econômica. As medidas necessárias para pôr em ordem a economia terão de ser profundas e desconfortáveis e, embora a arrumação das contas públicas tenda a abrir espaço ao investimento e, portanto, a uma nova etapa de expansão econômica, esse efeito só se manifestará depois de certo intervalo. Até lá, uma boa dose de paciência será indispensável.